

Homem-carro-droga: um trio fatal

JOSÉ ELIAS MURAD

Especial para O Estado

A civilização atual é uma civilização sobre rodas. Ao mesmo tempo, ela é condicionada ao uso de drogas. Se cada um desses fatos já constitui um problema sério, imagine-se o que pode acontecer quando à condução de automóveis se associa o uso de drogas. Diversos medicamentos — inclusive alguns que são vendidos sem prescrição médica — podem afetar o rendimento de um indivíduo na execução de tarefas que exigem uma certa concentração, entre as quais a condução de veículos.

Remédios, a causa de acidentes fatais

Os tranqüilizantes ou ansiolíticos são medicamentos vastamente empregados para combater as neuroses, a tensão emocional e o nervosismo. Tendo em vista o tipo de civilização da atualidade, onde se vive sob constante estado de *stress*, não é de admirar o emprego desses medicamentos em alta escala. Há cerca de dois anos, uma pesquisa feita nos Estados Unidos mostrou que um medicamento do grupo, o diazepam (Valium, Diempax), ocupava o primeiro lugar, naquele país, entre as 200 drogas mais receitadas.

Várias pesquisas de laboratório sobre os efeitos de tais medicamentos — principalmente do grupo dos benzodiazepínicos — têm demonstrado os seus efeitos deletérios sobre a destreza na condução de automóveis. Uma simples dose de diazepam, por exemplo, pode prejudicar a capacidade de condução de um motorista durante várias horas. Um estudo realizado nos Estados Unidos, mostrou que 68 pacientes que tomaram diariamente doses de 10 a 100 mg de clordiazepóxido (Librium, Psico-sedini) tiveram dez vezes mais a taxa prevista de acidentes com veículos automotores. Em outra pesquisa, verificou-se que cinco doses de 10 mg de clordiazepóxido, administradas durante 36 horas, afetaram de forma adversa o rendimento de 20 voluntários. Um outro estudo, feito na Noruega, revelou que 20% de 75 motoristas hospitalizados naquele país, após acidentes de trânsito, haviam tomado diazepam (Valium). Os neurolépticos são medicamentos empregados no combate às doenças mentais mais graves e que chamamos de psicoses. A maioria deles, como as fenotiazinas (Amplictil, Neuleptil, Ana-tensol) e o haloperidol (Haldol), produzem deterioração da capacidade psicomotora, tanto em indivíduos normais como nos doentes, que é mais nítida nos dias iniciais de tratamento. De modo geral, a sonolência que provocam é mais intensa com as fenotiazinas, como, por exemplo, a clorpromazina ou Amplictil. Ambos os efeitos podem levar os motoristas a cometer erros graves, senão fatais.

Em relação aos chamados antidepressivos, que são aqueles medicamentos usados para combater as depressões e as melancolias — como a imipramina ou Tofranil — tem-se observado que eles provocam uma diminuição do rendimento de uma série de tarefas normais em voluntários que tomaram cerca de 150 mg por dia. Além dos efeitos sedantes observados nas semanas iniciais de tratamento, há também midríase (dilatação da pupila) e ciclopegia (distúrbio da acomodação visual).

Os analgésicos, isto é, os medicamentos para combater a dor, os barbitúricos (“pílulas para dormir”), os antihistamínicos (muito usados para combater as alergias e que entram na composição de vários medicamentos contra a gripe), os antiepilépticos e as anfetaminas ou “bolinhas”, todos eles, em doses usuais, podem provocar ataxia (falta de tono muscular), visão borrosa, diplopia (visão dupla), vertigem, sonolência e tremor, efeitos esses mais evidentes na fase inicial do tratamento. Praticamente todos eles prejudicam a capacidade de discernimento e a destreza dos motoristas, podendo levá-los a cometer erros fatais.

Um medicamento muito usado para a pressão alta, a metildopa (Aldomet) pode provocar episódios de perda de memória (amnésia), dificuldade para calcular e incapacidade de concentração. Quando associado a outros anti-hipertensivos — como Higtroton, por exemplo — pode provocar náuseas, vertigens, obnubilação (estado vertiginoso durante o qual os objetos são vistos como através de uma nuvem) e hipotensão severa.

Não há dúvida de que as bebidas alcoólicas constituem a causa principal dos acidentes provocados pela deterioração da capacidade de dirigir. Contudo, a sua associação com diversos medicamentos é mais perigosa do que qualquer um deles separadamente.

Uma pesquisa realizada há algum tempo demonstrou que o Diazepam, em dose terapêutica mínima de 5mg, associado às bebidas alcoólicas, piorou nitidamente a coordenação e a função psicomotora dos motoristas. Um trabalho publicado nos países escandinavos revelou que o Diazepam (Valium, Diempax) e o álcool foram identificados em mais de 10% dos motoristas hospitalizados por acidentes de trânsito. O mesmo ocorreu pela associação de bebidas alcoólicas com um analgésico e antiinflamatório comum, a Fenilbutazona (Butazolidina, Butazona). Por outro lado, um antialérgico muito usado, a Difendramina ou Benadril, aumentou os distúrbios da atividade motora provocados pelo álcool. É interessante observar que alguns medicamentos usados contra a tosse e o resfriado comum têm, na sua composição, anti-histamínicos (do tipo do Benadril) e álcool.

Diversos medicamentos, principalmente os tranqüilizantes e outros psicotrópicos, podem interferir na capacidade do indivíduo de dirigir automóveis com segurança. Em alguns casos, mesmo quando esses medicamentos são usados em dose baixa, a sua associação com o álcool pode potencial os efeitos deletérios sobre os motoristas.

Quando se pensa no uso cada dia mais intenso das bebidas alcoólicas e no emprego indiscriminado dos medicamentos, começa-se a compreender por que as nossas ruas, avenidas e estradas se vêm transformando nas maiores ceifadoras de vidas humanas na atualidade. Pode-se mesmo prever que, no futuro, nenhuma doença ou afecção conseguirá suplantará este trio infernal: homem + máquina + droga.